

Este artigo é parte integrante da

revista.batistapioneira.edu.br

REVISTA BATISTA PIONEIRA

BÍBLIA ▪ TEOLOGIA ▪ PRÁTICA

ONLINE ISSN 2316-686X - IMPRESSO ISSN 2316-462X

Vol. 10 ▪ n. 2 ▪ Dezembro | 2021

A PRÁTICA ARGUMENTATIVA E A MISSÃO EVANGELIZADORA DA IGREJA

Argumentative practice and the evangelizing mission of the church

Me. Thiago Bezerra Lima¹

RESUMO

Neste artigo é abordado o real significado da missão evangelizadora e como ela deve ser compreendida em termos conceituais, assim como aplicar a prática argumentativa na enunciação de sua mensagem de uma forma que ela traga a significação correta a partir da cosmovisão cristã bíblica. Compreende-se que as principais características da argumentação, bem como da construção do discurso em que a mensagem do evangelho é apresentada, podem mudar e transformar o indivíduo, por isso resta, então, definir os padrões normativos que implicam no método evangelístico escolhido a ser desenvolvido no contexto da sociedade, utilizando a evangelização e o discipulado como principal fonte de comunicação do evangelho no contexto de igrejas evangélicas. Por fim, é observado, ainda, a partir da prática argumentativa, a maneira como ocorre a

¹ Mestre em Ministérios pela Carolina University. Bacharel em Administração de Empresas. Pastor Missionário pela AMI (Associação Missionária Internacional). Professor e criador do canal Teologando. E-mail: thiagob.lima@gmail.com. Orcid 0000-0001-5418-101X.

conexão do discurso enunciado com a atividade de evangelismo, capacitando, assim, a liderança a compreender a sua postura e seu compromisso com Deus e sua mensagem diante da cultura atual, bem como demonstrar como esse líder deve agir em termos de ações evangelísticas eficientes.

Palavras-chave: Missão. Evangelismo. Igreja.

ABSTRACT

This article discusses the real meaning of the evangelizing mission and how it should be understood in conceptual terms, as well as applying the argumentative practice in the enunciation of its message in a way that brings the right significance from the biblical christian worldview. It is understood that the main characteristics of argumentation, and also the construction of the discourse in which the gospel message is presented, can change and transform the person, that's way, then, it remains to define the normative standards that imply the evangelistic method chosen to be developed in the context of society, using the evangelism and discipleship as the main source of gospel communication in the context of evangelical churches. Finally, it is also observed, from the argumentative practice, the way in which the connection of the enunciated speech with the activity of evangelism occurs, enabling, therefore, the leadership to understand its posture and tis commitment to God and His message in front of this new culture, and also to demonstrate how this leader should act in terms of effective evangelistic actions.

Keywords: Mission. Evangelism. Church.

INTRODUÇÃO

Não seria possível construir um sentido verdadeiro ou definir qual é a missão evangelizadora, sem antes definir o próprio conceito do termo “missão”, assim, o conceito de todo o processo evangelístico pode ser construído sobre uma base sólida que venha a resultar no sucesso da enunciação da mensagem e em um processo discipulador eficiente. Para isso, existem diversos métodos evangelísticos adotados para enunciar a mensagem do evangelho, o plantio de igrejas é um dos mais conhecidos.

Tendo posto isto, deve-se compreender, em primeiro lugar, que a plantação de igrejas é uma clara alusão ao ato de semear um campo e esperar que a planta germine, assim assume a seguinte analogia: a evangelização é a sementeira, o

campo é o mundo (pós-moderno ou não) e a germinação são as conversões geradas a partir das ações evangelísticas efetuadas por igrejas locais.²

1. OS PERIGOS NO PROCESSO DE PLANTAÇÃO DE IGREJAS E A MISSÃO EVANGELIZADORA

O evangelho é propagado por um sistema vivo de cristãos comprometidos com a Palavra de Deus e que desejam não só mudarem a si próprios, mas levarem consigo a transformação a outros. Lidório descreve o plantio de igrejas como sendo um dos assuntos mais interessantes dentro da prática cristã, contudo, destaca, também, que este pode ser um dos mais perigosos, sobre isso ele aponta a existência de três perigos, os quais são agora apresentados.³

O primeiro perigo pode ser identificado como sendo pragmático, que é quando se busca por resultados ao invés de qualidade, isto é, centraliza-se mais em métodos do que no conteúdo teológico. Um segundo perigo mencionado por Lidório é de caráter sociológico⁴, ou seja, tentar encaixar a igreja num perfil social a fim de suprir as necessidades humanas, o que acaba resultando no fato de o evangelho ser deixado de lado. Por fim, há o perigo eclesiológico, que é o de não compreender o real conceito de igreja e sua missão. Estes perigos são responsáveis por criar igrejas que não mudam, não confrontam e nem libertam. Lidório sobre isso completa dizendo:

Pessoas transformadas em suas convicções, mas não suas atitudes, resultam em igrejas nominais, onde aquilo que se crê é claro, mas não há vida compatível com a fé. Pessoas transformadas em suas atitudes, mas não suas convicções, resultam em igrejas legalistas. A aparência é de santidade e obediência, mas os corações são incrédulos. E pessoas transformadas em suas convicções e atitudes, mas não na cosmovisão, resultam em igrejas infrutíferas, que creem em Cristo e buscam o testemunho cristão, mas são luz que não brilha e sal que não salga.⁵

Lidório está dizendo que uma igreja que não muda, não confronta e não liberta é uma igreja cheia de pessoas espiritualmente mortas dentro de uma instituição fraca e sem foco, cujo conteúdo não é significativo no sentido de

² LIDÓRIO, Ronaldo Almeida. **Plantando igrejas**. 2.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2018. Edição Kindle.

³ LIDÓRIO, 2018.

⁴ LIDÓRIO, 2018.

⁵ LIDÓRIO, 2018.

impactar e transformar vidas dentro da sociedade.⁶

No entanto, o questionamento que se levanta a partir deste ponto está relacionado ao entendimento sobre a real missão da igreja dentro deste contexto, que tem uma influência direta sobre o não-cristão e sua busca por liberdade. Para DeYoung e Gilbert, a missão da igreja pode estar relacionada a diversos fatores desconectados. Sobre isto eles comentam:

Alguém poderia argumentar que glorificar a Deus e gozá-lo para sempre é a missão da igreja, porque esse é o nosso principal objetivo como crentes redimidos. Outro poderia afirmar que amar a Deus e amar o próximo é a melhor descrição de nossa missão, porque estes são os principais mandamentos. Ainda outro poderia recorrer a um hino do século XIX e argumentar que crer e obedecer é a essência de nossa missão, porque essa é a grande chamada da mensagem do evangelho. Em certo sentido, seria tolice debater com qualquer destas respostas. Se missão é apenas um sinônimo de viver uma vida cristã fiel, há inúmeras maneiras de responder a pergunta “Qual é a missão da igreja?”⁷

O que DeYoung e Gilbert estão argumentando está inserido dentro de uma perspectiva de que a missão da igreja é muito maior do que apenas viver uma vida cristã fiel.⁸ Tanto que se pode adicionar a fala de Bosch, em que desde 1950 a ideia de missão tem sido amplamente difundida em múltiplos sentidos, como propagação da fé, expansão do reino de Deus, conversão dos pagãos e a fundação de novas igrejas.⁹ Isso quer dizer que a palavra missão parou de ter seu conceito atrelado exclusivamente à doutrina da Trindade, como era tido até o século XVI, em que se entendia a missão divina como o Pai enviando o Filho e os dois enviando o Espírito Santo à terra. Sobre isso Bosch acrescenta:

O termo “missão” pressupõe um remetente, uma pessoa ou pessoas enviadas pelo remetente, aqueles a quem é enviado e uma designação. Toda a terminologia presume, portanto, que quem envia tem autoridade para fazê-lo. Frequentemente, foi argumentado que o verdadeiro remetente era Deus, que tinha autoridade indiscutível para

⁶ LIDÓRIO, 2018.

⁷ DEYOUNG, Kevin; GILBERT, Greg. **Qual a missão da Igreja?** Entendendo a justiça social, a Shalom e a grande comissão. São José dos Campos: Fiel, 2015, p. 16-17.

⁸ DEYOUNG; GILBERT, 2015.

⁹ BOSCH, David Jacobus. **Transforming mission: paradigm shifts in theology of mission.** New York: Orbis Books, 2011.

decretar que as pessoas fossem enviadas para executar sua vontade. Na prática, entretanto, a autoridade era entendida como investida na igreja ou em uma sociedade de missão, ou mesmo em um potentado cristão.¹⁰

Portanto, o termo missão na perspectiva de Bosch tem sua autoridade atrelada a alguém que é detentor de maior poder e que está no controle tanto da designação a ser executada quanto do indivíduo que é incumbido dela.¹¹ DeYoung e Gilbert concordam e resumem a missão a partir de dois aspectos: ser enviado e receber uma tarefa.¹²

Ferdinando atribui a dificuldade de definir exegeticamente o conceito de missão devido ao fato dessa palavra, como substantivo, não estar presente na Bíblia Sagrada.¹³ Contudo, o autor reconhece o fato de existir raízes desta palavra no grego que podem atribuir à significação contundente com o que se busca definir aqui, que é o conceito de envio. Sobre isso Ferdinando comenta que:

Nos últimos séculos tem sido entendido que o envio da igreja para o mundo se refere a fazer discípulos de Jesus Cristo – a dimensão humana de um Deus trino. E com certeza pode ser argumentado que o significado de “missão” deveria ser determinado através da análise do Novo Testamento e os usos dos verbos ἀποστέλλω e πέμπω. No entanto, embora tal abordagem possa restaurar a precisão se aceita, na prática o significado de uma palavra é determinado pelo seu uso, e não pela sua origem, e por “missão” o uso contemporâneo foi além de tais origens exegéticas que uma vez poderiam tê-lo casado com um conteúdo bíblico particular.¹⁴

Então, Ferdinando está afirmando que o termo missão, mesmo que aparentando ter uma ideia ambígua, ele pode ter uma definição geral¹⁵, isto é, a atribuição de uma tarefa a um indivíduo e o seu envio a um determinado lugar para executá-la. Contudo, ele também chama atenção para o fato de que pregar o evangelho não é a única tarefa que um cristão foi impelido a fazer.

¹⁰ BOSCH, 2011, n.p. Tradução do autor.

¹¹ BOSCH, 2011.

¹² DEYOUNG; GILBERT, 2015.

¹³ FERDINANDO, Keith. Mission: a problem of definition. **Themelios**. Volume 33, Issue 1. 2008. Disponível em: <https://www.thegospelcoalition.org/themelios/article/mission-a-problem-of-definition/>. Acesso em 14/04/2021..

¹⁴ FERDINANDO, 2008, p. 47.

¹⁵ FERDINANDO, 2008.

Bosch apresenta, o que ele chama de fórmula, que pode ajudar na definição de missão, mas ainda assim não é abrangente e radical.¹⁶

São quatro termos adotados por Bosch, que estruturam esta fórmula.¹⁷ o primeiro é o *kerygma*, este termo dentro da tradição cristã aponta para o anúncio das boas-novas, isto é, o anúncio da mensagem de que Jesus Cristo morreu pelos pecados da humanidade e ressuscitou dos mortos. O segundo termo adotado pelo autor é *koininia*, que significa comunhão ou companheirismo entre os cristãos. Em terceiro lugar, há o termo *diakonia*, que se refere ao serviço cristão dentro da comunidade cristã. E por fim, *martyria*, que é o testemunho de um mártir, isto é, aquele que está disposto a morrer para defender a mensagem.

Bosch, então, citando Margull, une estes termos e resume a missão como sendo o “testemunho que é dado através da proclamação, comunhão e serviço”.¹⁸ Ou seja, a missão tem seu significado atrelado a muito mais do que apenas ir para um campo missionário, mas, atuar ferozmente em prol da defesa da mensagem do evangelho com outros cristãos, mesmo que isso o leve à morte. Contudo, Bosch encerra dizendo que:

A missão é um ministério multifacetado, no que diz respeito ao testemunho, serviço, justiça, cura, reconciliação, libertação, paz, evangelismo, comunhão, implantação de igrejas, contextualização e muito mais. E, no entanto, mesmo a tentativa de listar algumas dimensões da missão é perigosa, porque novamente sugere que podemos definir o que é infinito.¹⁹

Novamente aqui, Bosch relembra o fato de que, apesar de se ter uma noção do que realmente é uma missão como esta, é arriscado demais tentar reduzi-la a palavras finitas, a fim de não incorrer no erro de não a definir totalmente.²⁰ Nas palavras de Neill²¹, como citado por Bosch: “se tudo é missão, então nada é missão”.²²

Santana afirma, entretanto, que indiferentemente da definição da missão,

¹⁶ BOSCH, 2011.

¹⁷ BOSCH, 2011.

¹⁸ BOSCH, 2011, n.p.

¹⁹ BOSCH, 2011, n.p.

²⁰ BOSCH, 2011.

²¹ NEILL, Stephen. **Creative Tension**: The Duff Lectures 1958. London: Edinburgh House Press, 1959, p. 81.

²² BOSCH, 2011, n.p.

basta que se compreenda que a origem, motivação e modelo são centrados em Deus e em sua natureza.²³ Ele complementa:

Nesse aspecto é que a Trindade deve ser a protagonista da “missão”, e de sua interferência no meio dos pecadores deve derivar o serviço como igreja de Deus. A própria palavra “missão” supõe quatro elementos: (a) um enviado, (b) pessoas que são enviadas, (c) aqueles para quem se é enviado e (d) uma tarefa.²⁴

Ou seja, o termo não importa tanto, desde que se entenda os elementos atribuídos à missão que refletem Deus e sua natureza missionária. Anderson et al. afirma que esta natureza missionária de Deus pode ser vista ao longo da história²⁵, isto é, desde o momento em que Deus entra no Éden à procura de Adão e Eva que haviam se escondido em decorrência do pecado, à promessa feita a Abraão, de que todas as nações do mundo seriam abençoadas por meio de sua semente. Ou quando Deus promete o Messias e Rei de um Reino sem fim e a luz dos gentios. Anderson et al. finaliza dizendo:

Deus planejou nos salvar para Sua glória e Ele executou esse plano por meio da encarnação, vida, morte e ressurreição de Seu Filho. Deus é o Grande Missionário. Ele não está distante e ambivalente, talvez disposto a perdoar pecadores se decidirmos buscá-lo. Pelo contrário, Ele é o Planejador da salvação. O iniciador. O realizador. O objetivo.²⁶

Logo, definir missão é olhar para Deus e entender o que ele fez pelo mundo e a partir deste ponto é possível entender o que tem sido argumentado até aqui, que missões é muito mais amplo do que se imagina, pois tem um Deus eterno e todo poderoso por trás de cada detalhe que aponta para a redenção. Ou como escrevem Spitters e Ellisson, “Deus está em uma missão. Deus tem tudo a ver com missão”.²⁷

No entanto, em uma busca por uma significação, ou por um sentido da missão, a partir da cosmovisão cristã bíblica, se pode adotar, como ponto de partida, as próprias palavras de Jesus Cristo ao comissionar seus discípulos a

²³ SANTANA, Robson Rosa. **Missio Dei**: a missão da Trindade e a missão da igreja. Columbia: Amazon, 2016. Edição do Kindle.

²⁴ SANTANA, 2016, n.p.

²⁵ ANDERSON, Chris; CROWLEY, J. D.; HOSAFLOOK, David; KEESSEE, Tim; TYRPAK, Joe. **Gospel meditations for missions**. Grayson: Church Works Media, 2013. Edição do Kindle..

²⁶ ANDERSON; CROWLEY; HOSAFLOOK; KEESSEE; TYRPAK, 2013, n.p.

²⁷ SPITTERS, Denny; ELLISSON, Matthew. **When Everything Is Missions**. Crossway, 2017. Edição do Kindle, p. 34.

espalhar as boas-novas do evangelho:

Jesus, aproximando-se, falou-lhes, dizendo: Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra. Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século.²⁸

Neste trecho há algumas implicações que devem ser analisadas cuidadosamente com o intuito de mostrar o conceito de missão a partir da perspectiva do Senhor Jesus Cristo. Assim sendo, a primeira implicação, segundo Rienecker é o contexto em que a narrativa acontece²⁹, isto é, novamente o Senhor Jesus está ao redor de seus discípulos, no entanto nada é igual ao que já fora, pois, esse Jesus, não é mais terreno e sim eterno, ele não irá para Jerusalém para sofrer e morrer, mas demonstrar que ele foi ressuscitado e que conquistou a vitória através da consumação de sua obra. Rienecker completa:

Diante de seus discípulos, pois, está Jesus como o vencedor e o Filho de Deus, como o Messias prometido, com glória e majestade, com fulgor eterno e esplendor sobrenatural. Nesta condição ele profere de modo claro e audível, poderoso e divino, a palavra: Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra.

Essa é a palavra de pena autoridade do Ressuscitado. A vitória está ganha. A redenção foi consumada. – Essa palavra, porém, está acessível somente ao que crê. Não é um poder que o mundo conhece. O poder do mundo é potência que se manifesta exteriormente, é sucesso, triunfo, é demonstração de força em todos os níveis.³⁰

Ou seja, o maior missionário de todos os tempos tinha, neste momento, vencido a morte e estava diante de seus discípulos, no mesmo lugar onde seu ministério havia começado, agora como um vencedor e detentor de toda a autoridade de Deus. É neste contexto que Jesus, então, comissiona os discípulos à missão. Hendriksen além de concordar com Rienecker neste fato, acrescenta que antes de sua ressurreição, o seu poder era limitado a uma

²⁸ Mateus 28.18-20.

²⁹ RIENECKER, Fritz. **Comentário Esperança**: Evangelho de Mateus. Curitiba: Esperança, 1998.

³⁰ RIENECKER, 1998, p. 455-456.

autorrestrrição³¹, ou seja, a ele mesmo. No entanto, agora, esse poder não está mais restrito a nada, pois ele tem domínio sobre toda criação (existência material ou sobrenatural), inclusive, sobre a morte e o inferno.

Hendriksen conclui esta reflexão afirmando que isso era necessário para que o próximo passo fosse dado³², isto é, o comissionamento de seus discípulos a proclamarem o evangelho por todo mundo sabendo de uma verdade, que a cada momento, a cada dia, a cada dificuldade eles estariam acompanhados pelo Rei dos reis. Essa reivindicação da autoridade por parte de Jesus, então, é apenas uma grande introdução para o que viria a seguir, quer dizer, o envio dos discípulos para o mundo com uma mensagem e com uma missão. Neves e McGee sistematizam a missão da seguinte forma:

1. A ordem: fazei discípulos (v. 19).
2. A abrangência da missão: de todas as nações (v. 19).
3. A metodologia: indo (v. 19), batizando (v. 19) e ensinando a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado (v. 20).
4. A razão: toda a autoridade me foi dada no céu e na terra (v. 18).
5. A garantia do sucesso: eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século (v. 20).³³

O sistema proposto por Neves e McGee refletem o conceito de missão e eleva este conceito ao discipulado³⁴, isto é, além de levar um indivíduo a conhecer o Senhor Jesus pessoalmente, a missão dos discípulos seria a de os discipular, ensinando a guardar tudo o que Cristo havia ensinado, fazendo desses novos discípulos, discipuladores também, que fariam outros discípulos *ad infinitum*. Essa perspectiva também pode ser vista no mesmo relato descrito pelo autor Lucas, tanto no Evangelho de Lucas 24.44-49, como em Atos 1.8.

A partir disto é possível dizer que a missão para formar e ensinar discípulos na perspectiva de Cristo, não se limita apenas a salvá-los, mas discipulá-los, ou seja, ensinar a guardar tudo o que Jesus ensinou. Isso implica em renúncia e uma vida de santidade como abordado nos capítulos anteriores. Entende-se, contudo, que a melhor forma de se fazer isso é através da plantação de igrejas

³¹ HENDRIKSEN, William. **Comentário do Novo Testamento: Mateus**. Tradução de Valter Graciano Martins. 2.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2010. Vol. 2.

³² HENDRIKSEN, 2010, vol. 2.

³³ NEVES, Itamir; MCGEE, John Vernon. **Comentário Bíblico de Mateus: Através da Bíblia**. 2.ed. São Paulo: Rádio Trans Mundial, 2012, p. 246. Grifos do autor.

³⁴ NEVES; MCGEE, 2012.

consolidadas que estejam comprometidas com essa ordem do Senhor Jesus.

2. A PRÁTICA ARGUMENTATIVA, A IGREJA E A MENSAGEM POR MEIO DO EVANGELISMO

Lidório entende que a missão é de Deus, pois é ele quem chama, salva, edifica, disciplina, e dá o crescimento espiritual ao perdido³⁵. O homem dentro do processo evangelístico é apenas um instrumento que Deus usa para evangelizar, discipular, ensinar e pastorear o seu povo.

Portanto, cabe agora, compreender o processo de comunicação do evangelho dentro do contexto das igrejas evangélicas, para que esta pesquisa possa servir como um caminho teórico-metodológica na elaboração de práticas a serem efetivadas pelo líder cristão que deseja alcançar pessoas a partir deste modelo bíblico. Para isso, é preciso em primeiro lugar compreender o que é a igreja e fundamentá-la através da Bíblia Sagrada.

Ferreira e Myatt fazem uma ampla explanação do termo igreja a partir de seu original grego ἐκκλησία (ekklēsia) que pode ser traduzido como congregação, assembleia e igreja.³⁶ Para eles, a palavra tem, em sua origem, um significado atrelado a um ajuntamento popular, isto é, uma clara alusão das assembleias realizadas pelo povo helenístico no Ágora para decidirem a vida jurídica de seus cidadãos. Sobre isso, eles completam:

No grego clássico, segundo vários escritores e inscrições antigas, seria a “assembleia do povo”, em Atenas e na maioria das cidades gregas. A partícula ek significa “para fora”, tendo-se em mente que um arauto convocava a população para vir “para fora” de sua residência, para uma reunião.³⁷

Ou seja, isso faz referência a um chamado a se reunir. Essa palavra grega, vista a partir do Novo Testamento, como por exemplo em Atos 9.31 em que está escrito: “A igreja, na verdade, tinha paz por toda a Judeia, Galileia e Samaria, edificando-se e caminhando no temor do Senhor, e, no conforto do Espírito Santo, crescia em número”. Aqui, assim como em Atos 15.41 e Romanos 16.4, a igreja se refere a uma congregação local.³⁸

³⁵ LIDÓRIO, 2018.

³⁶ FERREIRA, Franklin; MYATT, Alan. **Teologia Sistemática**: uma análise história, bíblica e apologética para o contexto atual. São Paulo: Vida Nova, 2007.

³⁷ FERREIRA; MYATT, 2007, p. 948.

³⁸ FERREIRA; MYATT, 2007.

Lidório também defende que o termo *ekklēsia* parece conter uma dinâmica parecida com ao chamado de Jesus aos discípulos para que se tornassem pescadores de homens.³⁹ Contudo, também acredita que o termo pode remeter ao agrupamento de cristãos e até mesmo uma instituição.

Por outro lado, em passagens como a de 1 Coríntios 1.2, a igreja é apontada para a presença de uma comunidade dos redimidos fazendo uma clara alusão à igreja invisível e universal.⁴⁰ Contudo, Ferreira e Myatt chamam a atenção para o fato de que:

No Novo Testamento, a palavra *ekklēsia* nunca é usada para designar um prédio, uma denominação ou a influência cristã na sociedade, mas os grupos locais (At 8.1; Rm 16.16; 2Ts 1.4) e todo o povo de Deus, através dos séculos (Mt 16.18; ICo 15.9; Ef 5.25ss). O Novo Testamento ensina que a igreja local, embora unida a todo o povo de Deus, é uma igreja completa. Todas as promessas de Deus se aplicam a ela, e Cristo, o cabeça e Senhor da igreja, acha-se tão presente ali como em qualquer entidade mais ampla (Mt 18.20).⁴¹

Kittel, Friedrich e Bromiley, também destacam, a partir de Atos 20.28, que a expressão usada ali é significativa, quer dizer, “a *ekklēsia* Senhor que ele comprou com seu próprio sangue”.⁴² Ou seja, os autores estão demonstrando que a palavra grega está associada ao agrupamento de crentes e não a uma denominação ou prédio.

O Apóstolo Paulo, em suas cartas, por diversas vezes também fez uso do termo *ekklēsia* em múltiplos contextos, sobre isso Kittel, Friedrich e Bromiley escrevem que na perspectiva do Apóstolo:

Essencialmente, Paulo tem em comum sua concepção da igreja com os primeiros discípulos. [...] Paulo não possui qualquer desejo de impor uma nova visão da igreja, mas antes quer proteger a visão original contra inovações incipientes. Para ele, a igreja permanece ou perece com seu único fundamento em Cristo, seu reconhecimento exclusivo como Senhor e a rejeição da ênfase exagerada em pessoas ou lugares. Nenhuma descrição da igreja

³⁹ LIDÓRIO, 2018.

⁴⁰ FERREIRA; MYATT, 2007.

⁴¹ FERREIRA; MYATT, 2007, p. 948-949.

⁴² KITTEL, Gerhard; FRIEDRICH, Gerhard; BROMILEY, Geoffrey W. (orgs.). **Dicionário Teológico do Novo Testamento**. Tradução de Afonso Teixeira Filho et al. São Paulo: Cultura Cristã, 2013, p. 440.

é dada, porém Paulo chega ao centro da questão com sua compreensão (paralela à de Atos) como assembleia reunida por Deus em Cristo.⁴³

O que Kittel, Friedrich e Bromiley estão comentando está relacionado à multiplicidade de compreensões que Paulo tem sobre o termo *ekklēsia*⁴⁴, isto é, para o Apóstolo Paulo essa palavra é livre de singular e plural⁴⁵, livre de referências a um lugar⁴⁶ ou região.⁴⁷ Dessa forma, até um ajuntamento de pessoas em uma casa pode ser chamado de *ekklēsia*.⁴⁸ Kittel, Friedrich e Bromiley finalizam apontando que o termo, encontrado em 1 Coríntios 14.33, “igrejas dos santos” é uma nítida alusão aos que são santificados em Jesus Cristo, assim como descrito em 1 Coríntios 1.2 que está escrito:

[...] à igreja de Deus que está em Corinto, aos santificados em Cristo Jesus, chamados para ser santos, com todos os que em todo lugar invocam o nome de nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor deles e nosso.⁴⁹

Mais uma vez, observa-se, aqui, uma nítida representação do ajuntamento dos cristãos, aqueles que escolheram entregar suas vidas ao Senhorio de Jesus Cristo. Motivados, portanto, pela única promessa, a vida eterna.⁵⁰

Para Lidório, o Apóstolo Paulo é o maior exemplo de evangelista, isso porque, segundo o autor, é perceptível o fato de que ele, realmente, visualizou a necessidade de não apenas evangelizar as cidades, mas também de plantar igrejas locais, a fim de que os crentes tivessem onde se reunir e falar do nome de Cristo, bem como ajudarem um ao outro a se santificarem na doutrina de Jesus.⁵¹ Sobre este argumento, Lidório afirma que:

Paulo usa as expressões *phuteuo*, plantar (1Co 3.6-9), *oikodomeo*, edificar (Rm 15.20, 1Co 3.10) e *gennaio*, dar à luz (1Co 4.15) ao se referir ao ministério de plantar e fortalecer igrejas. O apóstolo, ao afirmar que proclamou o evangelho de Cristo de forma ampla, “(...) desde Jerusalém e circunvizinhanças até o Ilírico (...)” (Rm 15.19) se referia

⁴³ KITTEL; FRIEDRICH; BROMILEY, 2013, p. 441.

⁴⁴ KITTEL; FRIEDRICH; BROMILEY, 2013.

⁴⁵ Romanos 16.23; 16.4,16; Gálatas 1.13,22.

⁴⁶ Romanos 16.1.

⁴⁷ 1 Coríntios 16.19.

⁴⁸ Romanos 16.5.

⁴⁹ KITTEL; FRIEDRICH; BROMILEY, 2013.

⁵⁰ João 3.36.

⁵¹ LIDÓRIO, 2018.

à evangelização e às igrejas plantadas naquela região.⁵²

Ou seja, o Apóstolo Paulo em sua perspectiva, não se resumia somente a pregação inicial, mas também ao crescimento e fortalecimento espiritual dos cristãos. Isso para Lidório é suficiente para presumir que a evangelização é o ponto central do Apóstolo Paulo de muitos de seus cooperadores.⁵³ Um resumo é apresentado por Lidório:

Em resumo, podemos compreender que há razões teológicas, pois é da natureza do povo de Deus se reunir para a Palavra, adoração, comunhão e oração (At 1.13-14; 2.42-47; 1Co 11.20); há razões missiológicas, pois a igreja local é chamada para a missão de ser sal e luz perto e longe (Mt 5.13-16; Mt 28.18-20; Rm 15.20); e há também razões estratégicas, pois o plantio de igrejas é a forma mais efetiva de assegurar que o evangelho se enraíze em determinada aldeia, cidade ou território por mais de uma geração.⁵⁴

Isso quer dizer para Lidório, que a comunicação da mensagem do evangelho é o resultado da soberania de Deus, em quem lhe aprouve chamar os homens de todo lugar, por sua graça, para serem salvos e compartilharem juntos de um tempo de comunhão, adoração, oração e missão, que pelo poder do Espírito Santo é sinônimo de glória ao Pai celestial.⁵⁵

A partir do exemplo da igreja de Tessalônica fundada pelo Apóstolo Paulo, é possível extrair algumas características da estratégia usada por ele, que através das suas pregações, iniciou naquele lugar uma igreja local.⁵⁶ Em sua primeira carta aos Tessalonicenses Paulo disse em 1.5:

[...] porque o nosso evangelho não chegou até vós tão somente em palavra, mas, sobretudo, em poder, no Espírito Santo e em plena convicção, assim como sabeis ter sido o nosso procedimento entre vós e por amor de vós.⁵⁷

Lidório, sobre este trecho, chama atenção para as seguintes palavras como elementos essenciais que fizeram com que aquela igreja nascesse: “evangelho”, “as palavras”, “poder”, “Espírito Santo”, “plena convicção” e “procedimento”.⁵⁸

⁵² LIDÓRIO, 2018, n.p.

⁵³ LIDÓRIO, 2018.

⁵⁴ LIDÓRIO, 2018, n.p.

⁵⁵ LIDÓRIO, 2018.

⁵⁶ LIDÓRIO, 2018.

⁵⁷ 1 Tessalonicenses 1.5.

⁵⁸ LIDÓRIO, 2018.

A palavra “evangelho”, como já abordada nos capítulos 1 e 2 desta pesquisa, se refere, na perspectiva de Lidório, ao próprio Jesus Cristo e sua obra redentora⁵⁹. Isso porque, talvez o Apóstolo Paulo gostaria de que aquela igreja não incorresse no risco de atribuir tal glória a ele, mas somente a Cristo. Esse problema da má compreensão do que realmente é o evangelho, pode ser visto até hoje, quando pessoas não diferem a palavra “evangelho” da palavra “igreja”. Sobre isso, Lidório comenta:

Quando se diz que “o evangelho está entrando no Himalaia” pensa-se que a igreja, ou os missionários, estão entrando naquele território. Ao ouvirmos que “o evangelho está sendo perseguido na Coreia do Norte”, vem logo à mente cristãos sendo perseguidos naquele país, pois no imaginário coletivo “igreja” e “evangelho” são iguais.⁶⁰

Ou seja, Lidório está demonstrando que realmente existe tal problema, e que a partir disso entende que o Apóstolo Paulo queria evitá-lo através de atribuir a Cristo a obra redentora.⁶¹ Esse deve ser, portanto, o primeiro ponto de atenção da evangelização, deixar que o evangelho seja o centro e não o missionário ou outra coisa qualquer.

O segundo elemento, “as palavras”, são para Lidório, uma reflexão de que não foi o discurso que persuadiu aquela cidade, mas o poder de Deus.⁶² Isso pode ser visto também pela ênfase que o Apóstolo Paulo dá a essa verdade, ao dizer que a mensagem não chegou “tão somente por palavras”.

O termo grego utilizado por palavras é *λογος* (*logos*), e segundo Kittel, Friedrich e Bromiley, é um termo que está associado a ideias como sendo verdade, conhecimento, virtude, lei, vida, natureza e espírito.⁶³ Logo, essa palavra possui um sentido de palavra ou discurso de poder criativo, isto é, uma ênfase no elemento racional do discurso. Lidório concorda e completa dizendo que:

Se por um lado não está nas palavras humanas o poder para transformar vidas, por outro Deus as usa como parte do seu propósito de fazer a verdade conhecida e, com seu poder divino, mudar corações, fazer nascer igrejas

⁵⁹ LIDÓRIO, 2018.

⁶⁰ LIDÓRIO, 2018, n.p.

⁶¹ LIDÓRIO, 2018.

⁶² LIDÓRIO, 2018.

⁶³ KITTEL; FRIEDRICH; BROMILEY, 2013.

locais e glorificar o seu nome. Nessa medida, e com essa consciência, o evangelista precisa cuidar muito bem das “palavras”, tanto o conteúdo (a verdade do evangelho) quanto a abordagem (clara e efetiva comunicação).⁶⁴

Isso quer dizer que, como segundo ponto de atenção da evangelização, está o fato de que o missionário é apenas o instrumento para proclamar as verdades e não de persuadir através do seu discurso, pois isso é obra do Espírito Santo. No entanto, também não significa que a enunciação do evangelho deve ser feita de qualquer maneira, muito pelo contrário, é obrigação do enunciador contextualizar, como visto no capítulo 2 desta pesquisa, a mensagem a fim de que ela se encaixe no perfil social a que a igreja se encontrará.

O terceiro elemento está estritamente associado ao segundo, pois se não é palavras que irão persuadir, então é o poder de Deus que o fará.⁶⁵ É por esse motivo, que o líder cristão deve compreender que esse ministério não depende de um belo discurso, mas de sua fé em proclamar com confiança as verdades que acredita. Sobre isso Lidório completa dizendo:

Só o poder de Deus transforma corações de pedra em corações de carne. Só o poder de Deus muda a angustiante história de uma família. Só o poder de Deus junta em amorosa comunhão pessoas tão diferentes. Só o poder de Deus usa o evangelho para falar ao coração do incrédulo ao mesmo tempo que confronta aquele que o prega. Só o poder de Deus faz nascer uma igreja local.⁶⁶

Portanto, o poder de Deus é a única coisa que pode fazer com que o plantio de igrejas seja realmente efetivo e que através disso o evangelho seja uma ferramenta transformadora no coração do homem não regenerado. Esse poder de Deus, é, no entanto, transmitido pelo Espírito Santo, ou seja, o quarto elemento apontado por Lidório presente em 1 Tessalonicenses 1.5.⁶⁷ Isto é, o Espírito Santo é o responsável por significar a mensagem e convencer o não cristão de que a mensagem é verdadeira. Isso porque, sem a ação do Espírito Santo o ser humano não é capaz de compreender que há diferença entre reconhecer o pecado e entender que está perdido. E, também há diferença entre entender que está perdido e que precisa de Deus e de redenção. Todo esse convencimento é, portanto, obra do Espírito Santo que gera a plena

⁶⁴ LIDÓRIO, 2018, n.p.

⁶⁵ LIDÓRIO, 2018.

⁶⁶ LIDÓRIO, 2018, n.p.

⁶⁷ LIDÓRIO, 2018.

convicção.

πληροφορία (*plerophoria*) é o termo grego utilizado para plena convicção, e segundo Kittel, Friedrich e Bromiley significa “certeza” e está em concordância com o poder e com o Espírito Santo, em outras palavras, ela “é assim um dos termos pelos quais Paulo descreve a grande riqueza da obra divina na vida e missão da igreja”⁶⁸. Lidório, contudo destaca que essa certeza

[...] depende inteiramente de Deus, pois se o Senhor não nos der discernimento e certeza no ministério, não os teremos. Mas a ênfase é humana, a necessidade que temos de, no fim do dia, ter certeza de que estamos no lugar certo, na hora certa e fazendo a vontade de Deus.⁶⁹

Lidório está atribuindo esta “certeza” a dois aspectos, o da certeza salvífica que está ligada à igreja, dando-lhe a convicção de que o evangelho é verdadeiro; e a certeza do chamado de Deus para a evangelização.⁷⁰

Por fim, o sexto elemento, e provavelmente o mais importante na comunicação do evangelho segundo Lidório, é o procedimento, isto é, o testemunho do Apóstolo Paulo e sua equipe diante daquelas pessoas.⁷¹ Dessa forma, Lidório chama atenção para o fato de que nada importa se o evangelista não viver aquilo que prega.⁷²

Tudo isso implica, segundo Johnson, de que compreender essas verdades a respeito da enunciação correta do evangelho, é de suma importância para o líder cristão, pois, como aponta o autor, muitos tentam fazer com que as pessoas compreendam o significado de Cristo como Salvador, mas omitem a parte de que ele também é Senhor, numa clara tentativa de “encher” a igreja primeiro com o pensamento de que a transformação seja alcançada depois.⁷³ Johnson finaliza mostrando que essa má comunicação do evangelho enunciada pela igreja é prejudicial para o não-cristão, pois para ele a maior necessidade do homem é:

[...]saber que ele tem uma necessidade. Em outras palavras, se não tivermos consciência de que somos pecadores, então obviamente, não enxergaremos que precisamos de

⁶⁸ KITTEL; FRIEDRICH; BROMILEY, 2013, p. 232.

⁶⁹ LIDÓRIO, 2018, n.p.

⁷⁰ LIDÓRIO, 2018.

⁷¹ LIDÓRIO, 2018.

⁷² LIDÓRIO, 2018.

⁷³ JOHNSON, Jeffrey D. **A Igreja: sua natureza, autoridade, propósito e culto**. Francisco Morato: O Estandarte de Cristo, 2020. Edição do Kindle.

um Salvador. Se a salvação é vista principalmente como um bilhete de entrada para o céu, então tudo o que é necessário para nós querermos a salvação é um desejo de escapar das chamas do inferno. Mas se a salvação é libertação do pecado e reconciliação com Deus através de Cristo Jesus, é necessário que percebamos que somos pecadores primeiro, para assim desejarmos libertação de nossos pecados. Se não estamos arrependidos de nossos atos de rebeldia, então não queremos ser salvos deles. Se não queremos o perdão e a libertação do poder do pecado (e isso é evidenciado por uma vontade de abandonar tudo, até mesmo nossas vidas), então nós não queremos a salvação que Cristo oferece no Evangelho.⁷⁴

Em vista disso, se engana quem pensa que ir para o campo missionário se inicia com levantamento de recursos financeiros ou de uma bela ação de marketing, pois como visto, a obra depende de uma vida espiritual ativa e fiel com Deus, para que só então o evangelista esteja apto a transformar vidas e enunciar a mensagem do evangelho através da igreja local. Para isso, é preciso compreender a posição do líder e qual será sua função na proclamação do evangelho e as ações evangelísticas que poderão ser realmente efetivas.

3. O PAPEL DO LÍDER CRISTÃO E AS AÇÕES EVANGELÍSTICAS

DeYoung e Gilbert, em seu epílogo, oferecem uma espécie de conselho ao jovem pastor que está pensando em iniciar um novo tipo de igreja, o que por sinal é colocado como uma ótima iniciativa, porém, esse conselho vem acompanhado de uma grande responsabilidade⁷⁵, isto é, liderar uma igreja não é algo novo, mas algo que foi ensinado pelo Senhor Jesus Cristo, portanto há um modelo a ser seguido. Mas em suma é: “Você não tem de edificar o reino. Isso é obra de Deus. Você não tem de fazer expiação pelos pecados de outros. Jesus já cuidou disso”.⁷⁶ Logo, o papel do líder cristão está em acordo com a real missão da igreja, “fazer discípulos de Jesus Cristo, no poder do Espírito, para a glória de Deus”.⁷⁷ Então, o que os autores estão afirmando é que o posicionamento do líder é o mesmo da igreja, evangelizar os não cristãos, nutrir os crentes e estabelecer igrejas saudáveis.

⁷⁴ JOHNSON, 2020, p. 21.

⁷⁵ DEYOUNG; GILBERT, 2015.

⁷⁶ DEYOUNG; GILBERT, 2015, p. 278.

⁷⁷ DEYOUNG; GILBERT, 2015, p. 283.

No entanto, este pensamento sobre a missão da igreja não deve, em hipótese alguma, minimizar o entendimento que a mensagem precisa ser pregada, aliás, o Apóstolo Paulo escreveu ao jovem pastor Timóteo:

Conjuro-te, perante Deus e Cristo Jesus, que há de julgar vivos e mortos, pela sua manifestação e pelo seu reino: prega a palavra, insta, quer seja oportuno, quer não, corrige, repreende, exorta com toda a longanimidade e doutrina.⁷⁸

Conjurar é, segundo MacArthur, uma forma de dar uma ordem ou uma diretriz obrigatória⁷⁹, ou seja, o que o Apóstolo Paulo irá pronunciar em seguida, além de o fazer em nome de Deus e de Jesus é de suma importância a ser seguido corretamente. O Apóstolo continua com uma instrução destacada pelos verbos, pregar, corrigir, repreender e exortar.

Pregar a palavra é enunciar as verdades de Deus reveladas através da Bíblia e isto deve ser feito, segundo Paulo, com urgência, preparação e presteza. Quer o momento seja conveniente e agradável ou não, logo, a palavra deve ser dita em sua inteireza.⁸⁰ MacArthur, ainda completa escrevendo: “os ditames da cultura popular, a tradição, a reputação, a aceitação ou o apreço na comunidade (ou na igreja), nunca devem alterar o compromisso do pregar de proclamar a Palavra de Deus”.⁸¹ Isto é, nada deve estar no caminho entre a pregação, pois é ela que corrige, repreende e exorta na doutrina.

Corrigir e repreender são para MacArthur, uma clara alusão à correção da conduta de um indivíduo em relação ao seu caminhar na vida cristã⁸², ou seja, é o uso de argumentos bíblicos de uma forma cuidadosa que tem o intuito de ajudar a pessoa a entender o erro e a buscar o arrependimento genuíno. Tanto que isso resulta em um aspecto positivo da pregação, que é a exortação.

Contudo, já é conhecido qual será, ainda, a reação das pessoas diante desse mundo enfadado com as influências e que rejeitam qualquer tipo de posicionamento contrário às suas opiniões e vontades. O Apóstolo Paulo disse nos versos seguintes:

Pois haverá tempo em que não suportarão a sã doutrina; pelo contrário, cercar-se-ão de mestres segundo as suas

⁷⁸ 2 Timóteo 4.1-2.

⁷⁹ MACARTHUR, John. **Bíblia de Estudo MacArthur**. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.

⁸⁰ MACARTHUR, 2010.

⁸¹ MACARTHUR, 2010, p. 1674.

⁸² MACARTHUR, 2010.

próprias cobiças, como que sentindo coceira nos ouvidos; e se recusarão a dar ouvidos à verdade, entregando-se às fábulas. Tu, porém, sê sóbrio em todas as coisas, suporta as aflições, faze o trabalho de um evangelista, cumpre cabalmente o teu ministério.⁸³

Então, o líder cristão deve ficar firme na palavra de Deus e na missão que foi incumbida por Jesus na “Grande Comissão”. Contudo, o cuidado deve ser na longanimidade e doutrina⁸⁴, pois deve sempre estar na mente do pregador que o convencimento e a persuasão é obra de Deus.

Partindo deste tipo de pensamento, portanto, é possível inferir que a argumentação deve estar munida das habilidades de utilizar o *pathos e o etos* de maneira consistente, para que o Espírito Santo, em sua soberania, trabalhe no coração de cada indivíduo na maneira que lhe aprouver. Ou seja, neste ponto o líder utiliza das práticas evangelísticas e dos métodos para melhor contextualizar a mensagem, sem, contudo, influenciar a tomada de decisão de cada indivíduo, mas cuidando para ser diligente na exposição da Palavra de Deus, orando para que o Espírito Santo o use para sua glória eterna e que convença o mundo do pecado, da justiça e do juízo (Jo 16.7-9).

Cabe agora definir o perfil do líder que estará à frente do trabalho evangelístico, isto é, a pessoa que irá tanto enunciar a mensagem do evangelho quanto discipular os novos convertidos, ensinando os a guardar todas as coisas que Jesus Cristo ensinou.⁸⁵ Sobre isto, Duarte faz uma diferenciação entre o pastor local e o pastor plantador de uma igreja, no qual o primeiro é responsável por gerir e manter a igreja local existente aberta, enquanto o segundo é responsável por iniciar novos trabalhos fundando e plantando igrejas locais, assim possibilitando que a obra missionária se expanda cada vez mais.⁸⁶

Contudo, ainda sobre esta diferenciação entre o pastor local e o plantador de igrejas, Duarte reconhece que, se não executado corretamente, o trabalho do plantador de igrejas incorre no risco de inibir o trabalho pastoral no que diz respeito ao evangelismo de não cristãos, isto porque muitas das vezes, o pastor local acaba tomando o posicionamento errôneo de que o papel do

⁸³ 2 Timóteo 4.3-5.

⁸⁴ 2 Timóteo 4.2.

⁸⁵ Mateus 28.20.

⁸⁶ DUARTE, Jedeias de Almeida. Plantio de novas igrejas: uma análise conceitual preliminar.

Fides Reformata XVI, 2011, p. 37-47.

evangelismo, nestes casos, é de responsabilidade do plantador e não do mantenedor.⁸⁷ Sobre isso ele escreve:

A resistência a um posicionamento tão significativo começa com a desvinculação do trabalho pastoral da evangelização ativa entre os não crentes, fazendo do pastor um mantenedor de crentes dentro de uma estrutura que poderá fechar as portas, ao longo dos anos, por causa de ausência da vitalidade do evangelho na caminhada diária dos crentes.⁸⁸

Ou seja, o pastor local deve, enquanto líder, compreender que ele é o responsável não apenas por manter a igreja, mas também para dar continuidade no processo de crescimento dela, pois somente assim é que a missão evangelizadora surtirá o efeito desejado através das ações evangelísticas.

Duarte baseado na obra de Hesselgrave apresenta o que ele chama de ciclo paulino responsável por determinar o papel de cada indivíduo presente na vida eclesial, desde sua plantação até sua manutenção, ou seja, para os autores, seguindo este ciclo, tanto os plantadores quanto os mantenedores irão compreender qual o seu papel dentro do chamado divino em servir a grande comissão, assim sendo, esse entendimento é apresentado da seguinte maneira:

1) missionários enviados, 2) audiência contatada, 3) evangelho comunicado, 4) ouvintes convertidos, 5) crentes congregados, 6) fé confirmada, 7) liderança consagrada, 8) crentes fortalecidos, 9) relacionamentos continuados e, por fim, 10) a igreja enviando.⁸⁹

Portanto, o que se observa a partir da argumentação de Duarte é que o ciclo paulino deve ser compreendido como um processo contínuo, em que cada integrante do processo deve compreender seu papel e se comprometer com ele.

Por outro lado, Deyoung e Gilbert argumentam que o líder deve compreender que o seu papel é o de fazer discípulos de Jesus Cristo, contudo isso deve ser feito no poder do Espírito Santo e para a glória de Deus⁹⁰, ou seja, uma nítida alusão à trindade, referenciando, portanto, que o líder é apenas o instrumento usado e não a motivação principal.

⁸⁷ DUARTE, 2011.

⁸⁸ DUARTE, 2011, p. 44

⁸⁹ DUARTE, 2011, p. 45

⁹⁰ DEYOUNG; GILBERT, 2015.

Neste sentido, como um instrumento divino, o líder cristão precisa estar apto, por exemplo, a argumentar sobre as principais dúvidas que podem surgir durante o processo evangelístico, isto é, se faz necessário o desenvolvimento de algumas habilidades, como a de um aprofundamento teológico preparando o líder a conhecer melhor as escrituras e a desenvolver ferramenta eficazes na propagação da mensagem.

Sobre isto, o Apóstolo Paulo, por exemplo, ao instruir Timóteo sobre a correção de falsos crentes em sua segunda carta escreve: “Procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade”.⁹¹ Para MacArthur este versículo é uma referência ao preparo zeloso e persistente de ensinar a Palavra de Deus, transmitindo-o da maneira completa, precisa e clara aos enunciadores.⁹² Assim sendo, o líder cristão deve se preparar teologicamente, sabendo utilizar as Escrituras de maneira correta e com exatidão a fim de argumentar a verdade e o evangelho de forma que não gere um constrangimento, ou seja, sem erros.

Logo, o líder compreendendo seu papel no processo de comunicação do evangelho, se preparando apropriadamente, ele está apto a obedecer ao mandamento imposto por Jesus na Grande Comissão, argumentando de maneira eficaz a Palavra da Verdade. Cabe, agora, por fim, compreender quais meios evangelísticos podem ser adotados nesse processo.

4. OS MEIOS EVANGELÍSTICOS E A PRÁTICA ARGUMENTATIVA DA MENSAGEM

Ao observar os primeiros capítulos do livro dos Atos dos Apóstolos é possível notar um padrão na forma em que os discípulos agiam em relação a enunciação da mensagem do evangelho, isto é, não apenas um agir humano, mas um agir do Espírito Santo através da vida daqueles homens, que os dirigia, controlava e dava poder, bem como fortalecia a igreja e gerava o crescimento em número e a influenciava.⁹³

Os primeiros discursos do Apóstolo Pedro, além de demonstrar a transformação que houve em sua atitude perante o cristianismo como um todo, também demonstra a presença do Espírito Santo agindo através dele

⁹¹ 2 Timóteo 2.15.

⁹² MACARTHUR, 2010.

⁹³ MACARTHUR, 2010.

resultando na conversão de 3000 pessoas e no estabelecimento da igreja.⁹⁴ Ou seja, buscar esse padrão discursivo é de suma importância para compreender como a mensagem deve ser efetivamente enunciada atualmente e assim, através do agir do Espírito Santo, ressignificá-las na tentativa de se obter um resultado no mínimo parecido.

Boor se atenta ao fato de que Pedro, assumindo o papel de representante dos 12 para enunciar seu discurso o faz em plena convicção de que além de crer naquilo que fala, também reconhece a necessidade de que o público precisa experimentar tal convicção.⁹⁵ Isso significa, portanto, de que a prática argumentativa aqui é feita de forma eficaz, isto é, através do estudo aristotélico visto anteriormente neste trabalho se pode observar que esse discurso contém o *etos e o pathos*, mesmo que sem intenção, porém bem fundamentado na enunciação do *logos*, que para Boor faz deste discurso um discurso objetivo que pode ser resumido da seguinte forma:

Começa solucionando sucintamente a acusação zombeteira da embriaguez: às nove horas da manhã essa acusação perde sua força entre judeus sérios. Não, não é possível evadir-se tão facilmente assim do evento do Espírito. A prédica termina com um breve apelo, mas que também é antes uma importante constatação do que um verdadeiro convite: “Esteja absolutamente certa, pois, toda a casa de Israel de que a este Jesus, que vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Ungido.” De resto omite-se nessa pregação qualquer convocação, qualquer insistência na decisão, qualquer estímulo intencional das sensações; há unicamente palavras da Escritura e fatos, palavras da Escritura que lançam luz sobre os fatos, fatos que cumprem as palavras da Escritura, tornando-as uma realidade atual – é o que predomina em todo o discurso. Para esse grupo de ouvintes as palavras da Escritura obviamente eram autoridade absoluta por princípio, e esses fatos diziam respeito à própria existência dos ouvintes. O sermão de Pedro é sumamente atual. Não havia necessidade de apelos especiais nem de investidas contra os sentimentos. Os fatos e as palavras da Escritura em seu relacionamento recíproco eram um ataque único à existência completa de cada judeu, atingindo-o diretamente no coração. Ademais, o discurso é simples e

⁹⁴ MACARTHUR, 2010.

⁹⁵ BOOR, Werner de. **Comentário Esperança**: Evangelho de João. Curitiba: Esperança, 2002.

sem arte – o que não é uma arte quando se tem a dizer coisas tão portentosas como Pedro naquela hora!⁹⁶

Boor está chamando atenção para a simplicidade do discurso de Pedro, que mesmo inconscientemente continha componentes argumentativos foram utilizados pelo Espírito Santo para converter muitos Judeus naquele dia, dando início, assim, a igreja de Cristo.⁹⁷ Infelizmente, atualmente, discursos assim tendem a não surtir o mesmo efeito devido ao fato da falta de tempo que as pessoas tendem a empregar para ouvi-los, o que deve motivar os líderes cristãos a adotarem outras estratégias de enunciação, isto é, algo direcionado ao contexto atual que a igreja evangélica se encontra.

Smith, por outro lado, acredita que há um engano em pensar que o evangelismo se resume a apenas viver uma vida piedosa sem enunciar nenhuma palavra, o autor, então, apresenta diversas citações de outros autores na tentativa de ilustrar seu ponto de vista, cabe aqui citar uma feita por D. T. Niles que escreveu que o “evangelismo é um pedinte contanto a outro pedinte onde encontrar pão”.⁹⁸ Ou seja, a mensagem é passada através da comunicação.

Este pensamento de Smith está de acordo com o pensamento de Reid de que os tempos mudaram, porém a mensagem é a mesma, no entanto a comunicação dela as vezes precisa ser convertida para um novo modelo⁹⁹, isto é, comunicada de uma forma que venha prender a atenção do enunciatário ao ponto dessa pessoa ao menos dar atenção ao que se tem a falar, e para isso é que se faz necessário uma prática argumentativa bem estruturada, para que o método de enunciação seja eficiente.

Por método de enunciação da mensagem, pode-se elucidar diversos deles, no entanto, para Conner é neste momento que a igreja deve se apropriar daquele método que possa ser mais apropriado para o grupo a que ela deseja alcançar.¹⁰⁰ Sobre isso o autor ilustra através da seguinte linha de pensamento:

Deus falou as verdades do evangelho a Adão e Eva enquanto caminhava com eles no Jardim do Éden, antes

⁹⁶ BOOR, 2002.

⁹⁷ BOOR, 2002.

⁹⁸ SMITH, Matt (org.). **Evangelismo**: compartilhando o evangelho na cultura contemporânea. Caderno do aluno. Carolina University, 2017, p. 18.

⁹⁹ SMITH, 2017.

¹⁰⁰ CONNER, Dustin. Communicating the gospel message within a post-postmodern, digitally connected culture. **Global Missiology Journal**, 2013. Disponível em: <http://ojs.globalmissiology.org/index.php/english/article/view/1245>. Acesso em 14/05/2021.

que as tábuas de pedra ou papiros fossem necessárias. Os Dez Mandamentos foram dados a Israel escritos em tábuas de pedra para preservar os padrões de Deus para seu povo. O rei Davi colocou o evangelho nas letras e as escreveu em pergaminho ou pele de animal para que Israel pudesse cantar juntos sobre a misericórdia e a bondade do Deus de Israel. Jesus usou o método de ensino relevante de parábolas para desafiar a compreensão dos escribas e fariseus dos rolos do Antigo Testamento que lhes falavam de sua vinda. Paulo debateu com estudiosos usando métodos retóricos de comunicação para iluminar as mentes da academia do Império Romano.

O livro de Atos mostra como o evangelho se espalhou ao longo das avançadas Estradas Romanas em todos os cantos do mundo conhecido. Por séculos, os monges copiaram o texto das Escrituras em pergaminhos para preservar a mensagem do evangelho para as gerações futuras. Guttenberg usou sua impressora para imprimir cópias da Bíblia mais rápido do que qualquer monge, e os missionários podiam levar cópias da palavra de Deus para distribuir por todo o mundo. O telégrafo deu velocidade à comunicação rápida e o rádio levou a proclamação do evangelho ao vivo às casas de milhões. A televisão e os filmes trouxeram o palco para a sala de estar de uma pessoa enquanto os atores transmitiam sua mensagem, usando os sentidos tanto do som quanto da visão.

A Internet deu ao discipulado uma nova versão do sistema rodoviário romano, conectando digitalmente qualquer pessoa que tenha acesso à Internet com pessoas e recursos. A mídia social conectou bilhões de pessoas a outras para a comunidade gospel, networking, recursos e proclamação.¹⁰¹

Conner está argumentando o fato de que o uso das tecnologias atuais disponíveis deve ser usado para propagar a mensagem do evangelho assim como os recursos disponíveis em cada época da história narrada nas Escrituras. Dessa forma é imprescindível a necessidade de que os cristãos utilizem os recursos disponíveis para contextualizar a mensagem da melhor forma possível e com isso alcançar esse novo modelo de geração para Cristo.¹⁰²

Portanto indiferente dos recursos disponíveis de conhecidos, o líder cristão

¹⁰¹ CONNER, 2013, p. 5-6.

¹⁰² CONNER, 2013.

deve aproveitá-los para comunicar a mensagem que ele foi incumbido, a de anunciar as boas novas de Cristo, a fim de levar mais e mais não cristãos ao conhecimento da verdade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O maior desafio da comunicação do evangelho dentro do contexto das igrejas evangélicas está fundamentado, principalmente, na falta de um estudo apropriado tanto das escrituras quanto do contexto em que o mundo está inserido. Contudo, é muito recorrente observar o processo de adequação do texto para agradar ao público, o que se distancia do sentido da contextualização. Essa última visa trabalhar a mensagem do evangelho para trazer entendimento sobre os princípios, valores e mandamentos a serem observados. O ato de pregar visa ao ensino das Escrituras, e não uma visão particularizada e oportunista sobre ela.

Ressalta-se, portanto, que se faz necessário desafiar o líder cristão a desenvolver habilidades hermenêuticas consistentes e coerentes com a própria Palavra de Deus, para que este entenda que o seu papel é o de, além de viver o Evangelho, enunciar a verdade libertadora de Jesus Cristo, que indiferentemente da época continua sendo atual e transformadora.

É possível dizer que a relevância da prática da argumentação e os desafios da comunicação do evangelho no contexto de igrejas evangélicas precisa ser enfrentado com responsabilidade e, sobretudo, com seriedade, visto que não se está discursando sobre um tema qualquer e indiferente à vida. O conteúdo da mensagem é essencial, ele é um divisor de águas entre o status inicial do ser humano sem Deus, para o estar com Deus, quando ela é aceita, tornando-se a base de sua prática de fé

Reconhece-se que não se tem como dar respostas únicas, mas é possível apresentar sinalizações sobre como o processo da argumentação é uma ferramenta importantíssima para a comunicação de uma mensagem. Uma mensagem que faz toda a diferença e que altera a cosmovisão do ser humano, mediante o poder do Espírito Santo de Deus.

O pregador é limitado, mas, mesmo assim, Deus o convoca para que ele possa ser um instrumento de comunicação e testemunho sobre a mensagem que liberta e que traz novidade de vida. É nisso que a prática do evangelismo a ser desenvolvida pelo pregador tem como proposta.

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA SAGRADA: Almeida Revista e Atualizada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

ANDERSON, Chris; CROWLEY, J. D.; HOSAFLOOK, David; KEESEE, Tim; TYRPAK, Joe. **Gospel meditations for missions.** Grayson: Church Works Media, 2013. Edição do Kindle.

BOOR, Werner de. **Comentário Esperança:** Evangelho de João. Curitiba: Esperança, 2002.

BOSCH, David Jacobus. **Transforming mission:** paradigm shifts in theology of mission. New York: Orbis Books, 2011.

CONNER, Dustin. Communicating the gospel message within a post-postmodern, digitally connected culture. **Global Missiology Journal**, 2013. Disponível em: <http://ojs.globalmissiology.org/index.php/english/article/view/1245>. Acesso em 14/05/2021.

DEYOUNG, Kevin; GILBERT, Greg. **Qual a missão da Igreja?** Entendendo a justiça social, a Shalom e a grande comissão. São José dos Campos: Fiel, 2015.

DUARTE, Jedeias de Almeida. Plantio de novas igrejas: uma análise conceitual preliminar. **Fides Reformata XVI**, 2011.

FERDINANDO, Keith. Mission: a problem of definition. **Themelios**. Volume 33, Issue 1. 2008. Disponível em: <https://www.thegospelcoalition.org/themelios/article/mission-a-problem-of-definition/>. Acesso em 14/04/2021.

FERREIRA, Franklin; MYATT, Alan. **Teologia Sistemática:** uma análise história, bíblica e apologética para o contexto atual. São Paulo: Vida Nova, 2007.

HENDRIKSEN, William. **Comentário do Novo Testamento:** Mateus. Tradução de Valter Graciano Martins. 2.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2010. Vol. 2.

JOHNSON, Jeffrey D. **A Igreja:** sua natureza, autoridade, propósito e culto.

Francisco Morato: O Estandarte de Cristo, 2020. Edição do Kindle.

KITTEL, Gerhard; FRIEDRICH, Gerhard; BROMILEY, Geoffrey W. (orgs.). **Dicionário Teológico do Novo Testamento**. Tradução de Afonso Teixeira Filho et al. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.

LIDÓRIO, Ronaldo Almeida. **Plantando igrejas**. 2.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2018. Edição Kindle.

MACARTHUR, John. **Bíblia de Estudo MacArthur**. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.

NEILL, Stephen. **Creative Tension: The Duff Lectures 1958**. London: Edinburgh House Press, 1959

NEVES, Itamir; MCGEE, John Vernon. **Comentário Bíblico de Mateus: Através da Bíblia**. 2.ed. São Paulo: Rádio Trans Mundial, 2012.

RIENECKER, Fritz. **Comentário Esperança: Evangelho de Mateus**. Curitiba: Esperança, 1998.

SANTANA, Robson Rosa. **Missio Dei: a missão da Trindade e a missão da igreja**. Columbia: Amazon, 2016. Edição do Kindle.

SMITH, Matt (org.). **Evangelismo: compartilhando o evangelho na cultura contemporânea**. Caderno do aluno. Carolina University, 2017.

SPITTERS, Denny; ELLISSON, Matthew. **When Everything Is Missions**. Crossway, 2017. Edição do Kindle.



A Revista Batista Pioneira está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional